

Performances e-Arte/Educativas: uma experiência de formação continuada de professores de música

Comunicação

Luz Marina de Alcantara
Universidade Federal de Goiás
luzmarinadealcantara@gmail.com

Resumo

O estudo busca investigar uma experiência de formação continuada de professores de música da rede estadual de educação em Goiás, considerando o axioma entre os dramas sociais das Performances Culturais e as experiências estéticas concebidas pela Arte/Educação, em prol de uma docência atualizada às inovações tecnológicas desta contemporaneidade. Diante do descompasso existente na relação pedagógica de professores e estudantes que se articulam em uma era digital, conflitos têm surgido e promovido rupturas de pensamento na convivência destas duas gerações, por isso, a qualificação da práxis pedagógica do professor de música se torna necessária, considerando sua atuação enquanto mediador das aprendizagens de estudantes que se articulam em um mundo conectado, colaborativo e digital. O estudo de caso apresenta os processos arte/educativos digitais ocorridos por meio do debate crítico/reflexivo do curso *Mídias Sociais aplicadas à Educação* ministrado no programa de formação continuada de professores do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte/Seduca.¹

Palavras-chave: formação de professores, e-Arte/Educação e Performances culturais.

Introdução

Este estudo se centra no drama social que parte do conflito existente entre a forma de aprender e ensinar vivenciados por professores de uma geração bíblica e por estudantes que vivenciam, continuamente, a troca de informação no ciberespaço. Estamos vivendo a era da informação, na qual a sociedade está cada vez mais conectada, entrecruzando dados, compartilhando conhecimentos.

¹ Instituição da Secretaria de Educação, Cultura e Esporte de Goiás/SEDUCE, responsável pela formação continuada de professores e pelo acompanhamento de projetos na área de arte.

O ciberespaço é o ambiente virtual no qual ocorrem práticas, modos de pensar e agir que interligam os atores de uma rede mundial de computadores. Segundo Pierre Levy, o “termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LEVY, 2007, p. 17). Neste ambiente são deflagradas novas relações com o conhecimento, com a aprendizagem, dentre outras relações sociais, de afeto, de comércio, de religiosidade. Trata-se, portanto, de um novo espaço de convivência social.

Michel Serres (2013) pontua diversas rupturas de pensamento que ocorrem na convivência dessas gerações e na forma de ver, sentir e viver o mundo, o que tem, à miúdo, reverberado entre as relações estabelecidas no universo da escola. Nota-se grande insegurança por parte de muitos docentes quanto ao uso das pedagogias tecnológicas, e este mal-estar os tem levado, até mesmo, à proibição do uso de celular em sala de aula. Tal atitude os distancia, cada vez mais dos estudantes, tornando o ambiente da escola um local de estranhamento e de conflitos entre as gerações, promovendo, assim, o deslocamento dos jovens cibernautas de seu mundo, gerando, conseqüentemente, uma ruptura na forma de aprender desta geração que é colaborativa, conectada, digital.

Ainda, em virtude desse comportamento restritivo, os currículos escolares ficam destituídos das expressões pessoais criativas e da comunicação promovida por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação, o que torna a escola uma instituição responsável na criação de barreiras culturais entre os cidadãos, conforme afirma John Hartley:

[a] infraestrutura física de TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) que vem se desenvolvendo desde a década de 1990 para conectividade organizacional, residencial e mais recentemente para telefonia celular não tem sido equilibrada por investimentos concomitantes na educação – pública ou privada – para promover o domínio criativo sobre ela e seu uso por populações inteiras [...] continuando a reproduzir as barreiras de classe e de demografia herdadas da era industrial (HARTLEY, 2009, p. 169).

Com o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação torna-se possível a ampliação das temáticas discutidas em sala de aula e o acesso à diferentes pontos de vista sobre os assuntos estudados. O acesso às TIC's permite que estudantes 'cacem' as informações que desejam, ampliem sua forma de leitura e, ainda, possibilita uma nova maneira de articular o pensamento

para além do pensamento sequencial e linear. Essas são algumas mudanças que a escola pode experimentar com a popularização da internet e a inserção de estudantes e professores no ciberespaço, o que suscita alguns questionamentos: como gerir o aprendizado neste mar de informações? Como compartilhar informação de forma responsável e crítica? Quais as possibilidades de diálogo que se abrem a partir de diversas plataformas online? Como o ciberespaço modifica as relações de saber? Como os professores que não possuem tanta familiaridade com o universo digital podem orientar os estudantes a produzirem criticamente neste ambiente? Dentre outras tantas questões que surgem a partir destes dramas sociais (TURNER, 2005). Tomamos três autores que discutem as relações no ciberespaço para fundamentar o estudo e, assim, traçar considerações acerca das TIC's como propulsora de aprendizagens significativas para professores e estudantes.

Lucia Santaella (2009) ao delinear o perfil dos usuários do ciberespaço, atribui três tipos de cibernautas: o novato, o leigo e o experto. Para a autora, o usuário novato se abstém de intimidade com a rede, por isso navega aleatoriamente. O usuário leigo já consegue entrar na rede e também já conhece algumas “rotas específicas” e o usuário experto é aquele que navega com segurança e desenvoltura dentro do espaço.

Henry Jenkins descreve o pensamento de Bill Ivey, ex-presidente da *National Endowment for the Arts* e Steven J. Tepper, professor de sociologia da Universidade Vanderbilt, sobre as consequências que estas disparidades educacionais podem promover em longo prazo.

Cada vez mais aqueles que têm educação, habilidades, recursos financeiros e o tempo necessários para navegar pelo mar das escolhas culturais ganharão acesso a novas oportunidades culturais. [...] ao mesmo tempo, os cidadãos com menos recursos – menos tempo, menos dinheiro e menos conhecimento para navegar pelo sistema cultural – dependerão cada vez mais da ponte cultural oferecida a eles por mídias consolidadas e conglomerados de entretenimento [...] tais cidadãos ficarão presos do lado de fora da barreira cultural. Assim, as mudanças tecnológicas e econômicas estão conspirando para criar uma nova elite cultural – e novas classes culturais desfavorecidas. (JENKINS, 2009, p. 163-164)

Essa situação pode suscitar o questionamento sobre o papel da escola na atual contemporaneidade frente às discussões socioculturais e de fortalecimento da autonomia e da autogovernança de jovens estudantes. A escola, deixaria, portanto, de cumprir seu papel social se omissa se fizer diante destas questões. É, com certeza, sua a responsabilidade de criar

possibilidades pedagógicas capazes de promover a formação crítica digital dos seus estudantes e de inseri-los neste campo virtual.

Serres (2013), aponta provocações que sinalizam um novo papel da escola para os dias atuais. Indica o autor de *“Polegarzinha - Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber”* que a escola deve se organizar para além de apenas transmitir conteúdo, pois, este está por toda a parte, porém, precisa se tornar acessível a todos.

O que transmitir? O saber? Ele está agora por todo lugar, na internet, disponível, objetivado. Transmitti-lo a todos? O saber inteiro passou a estar acessível a todo mundo. Como transmitir? Pronto, é coisa feita [grifo do autor]. Com o acesso às pessoas pelo celular e com o acesso a todos os lugares pelo GPS, o acesso ao saber se abriu. De certa maneira, já está o tempo todo e por todo lugar transmitido (SERRES, 2013, p. 26).

Fica entendido que é papel da escola prover os meios e novas formas de aprendizagem e de acesso aos conhecimentos que já estão para todos, e isso é uma questão social. Já Pierre Levy (2007) aponta três constatações de âmbito do conhecimento, resultantes de análise feita sobre a mutação contemporânea e sua relação com o saber: a) a velocidade na renovação dos saberes faz com que o conhecimento adquirido se torna rapidamente obsoleto; b) a nova natureza do trabalho modifica a forma de aprendizado, a transmissão de saberes e a produção de conhecimentos; c) a amplificação das tecnologias intelectuais exteriorizam e modificam as funções cognitivas humanas no campo da memória, imaginação, percepção, raciocínios.

Tendo como base essas ilações, procuraremos estabelecer as conexões diante das atuais e significativas mudanças que ocorrem a cada dia na sociedade contemporânea, na qual a era da informação modificou a forma de articular o saber, conseqüentemente, a forma de aprender. Urge a necessidade de um processo de reflexão sobre as diferentes formas de aprendizado desta geração, comparada às outras, tendo como objetivo o desenvolvimento de programas educacionais capazes de transformar a escola em *lócus* de formação crítica e autônoma, princípio da e-Arte/Educação.

Chamamos de *e-Arte/Educação* os processos de desenvolvimento da consciência crítica digital, destacando o papel dos professores de música enquanto mediadores das aprendizagens de estudantes que se articulam em um mundo conectado, colaborativo e digital de práticas e memórias de diferentes culturas no ciberespaço.

Fernanda Cunha (2012) concebe duas principais categorias técnico-conceituais de inclusão social: a *tecnicista*, uma categoria que faz uso dos aparatos tecnológicos centrados na ação mecânica/automatizada, muito presente nos meios de comunicação da indústria cultural massiva, focada na disseminação de ideologias capitalistas. E, a categoria *tecnocrítica*, de caráter libertário freiriano, a qual faz uso do instrumento como meio de expressão autônoma da pessoa, como linguagem que é ao mesmo tempo meio e fim, causa e efeito e que possibilita políticas educacionais libertárias e impulsiona o desenvolvimento do pensamento crítico autônomo ao criar valores, formar opinião e produzir resultados.

Necessário se faz o repensar a escola! A falta de domínio dos recursos digitais por grande parte dos docentes os têm distanciados da realidade dos estudantes, gerando a ausência destas reflexões nos conteúdos escolares e, conseqüentemente, a formação de pessoas acríticas em suas relações de convivência estabelecidas no ambiente virtual. Cunha (p. 128) afirma, ainda, que a “interconexão entre os meios de comunicação digitais presentes na sociedade em rede propõe um novo paradigma cultural que estabelece uma nova condição à mente humana – a mente metalinguística – ao disponibilizar uma nova forma de comunicação”. A linguagem digital, objeto epistemológico na mediação entre arte e público no processo de ensino/aprendizagem da *e-Arte/Educação*, se constitui como possibilidades de promover um novo estado da mente humana.

Eis que emerge o estudo, o qual visa investigar os processos arte/educativos digitais e o debate crítico/reflexivo acerca de propostas educativas de professores de música no (re)conhecimento da cultura digital crítico-pedagógica do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte/Seduca. Analisaremos o curso *Mídias Sociais Aplicadas à Educação*, ministrado no primeiro semestre de 2014 para um grupo de professores de música da rede estadual de educação em Goiás.

O Ciranda da Arte e a formação crítica-digital de educadores musicais

O estudo apresenta a análise crítica de uma experiência pedagógica de formação continuada de professores de música sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) desenvolvida pelo Ciranda da Arte, abordando o passo a passo e as possibilidades do uso dessas tecnologias em sala de aula. Para a análise foram observados os seguintes documentos: a) relatório circunstanciado encaminhado ao Conselho Estadual de Educação-CEE; b) relatório da

Câmara de Legislação e Normas/CEE que aprova e autoriza a emissão de certificados aos participantes cursistas; c) depoimento da professora ministrante do curso.

Na introdução do relatório circunstanciado encaminhado ao CEE foram elencados os objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação dos processos desenvolvidos na formação dos professores. Verifica-se que o curso teve por objetivo instigar o pensamento reflexivo acerca do uso das TIC's no ensino de música, razão pelo qual o Ciranda da Arte faz a proposição do curso *Mídias Sociais aplicadas à Educação*. Pontua a professora proponente e ministrante do curso:

Comecei a pensar em estratégias de ação para o ensino de música mediado pela tecnologia. Não apenas instrumentalizar sobre softwares musicais, mas como estimular uma nova forma de aprender, de lidar com a tecnologia, com o ciberespaço de forma que o estudante possa ser autônomo na gestão de seu conhecimento. Neste momento, surgiu a necessidade de discutir esses conteúdos com os professores da rede estadual de educação e, criar o curso de mídias foi uma das formas que encontrei de fazer isso (Vazquez, 2016).

Em depoimento, a professora Eliza Rebeca Simões Neto Vazquez, afirma que o seu interesse por trazer essa discussão se deu a partir da análise do processo de autoaprendizagem de três produtores de música eletrônica, desenvolvido em sua pesquisa de mestrado². O que a afetou foi a formação musical informal desses profissionais no que tange à produção, composição e performance musical construída de forma colaborativa, na prática, sob demanda mediada pelas tecnologias e pelo corpo.

Pensar no auto aprendizado daqueles jovens instigou a professora/pesquisadora sobre as possibilidades de melhor usar o ciberespaço como local de pesquisa, produção de conhecimento e fortalecimento de laços afetivos nos processos de formação continuada de educadores musicais. Essa experiência transborda na criação da revista digital *WebZine Ciranda da Arte*, que serve como um “locus” de diálogo, uma rede de comunicação entre arte/educadores³.

Diante deste contexto, discorreremos sobre o desenvolvimento do curso *Mídias Sociais aplicadas à Educação*. Por considerar importante a compreensão de todo o processo, o relatório

² http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9859/1/2011_ElizaRebecaSimoetesNetoVazquez.pdf

³ A WebZine é uma publicação semanal, elaborada pela equipe de professores pesquisadores nas quatro áreas artísticas, artes visuais, dança, música e teatro, do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte-SEDUCE- GO. Acesso em <http://www.webzinecirandaarte.com.br/>

circunstanciado encaminhado pelo Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte ao Conselho Estadual de Educação será transcrito em sua íntegra:

Depois da diagnose da turma, passamos à reflexão sobre as diferentes formas de aprender desta geração, comparada às outras. Concluiu-se que a era da informação modificou a forma como lidamos com o saber, e conseqüentemente com a forma de aprender. Utilizamos como referencial teórico para estas discussões os autores Michel Serres e Piere Lévy. Essas leituras e reflexões foram diluídas ao longo de vários encontros. Paralelo a essa reflexão iniciamos o contato direto com as redes sociais, *looperman*, *blogspot*, *facebook*, *soundcloud* e *youtube*. Foi necessário que cada professor abrisse um perfil como professor, nas referidas redes. Dialogamos sobre a necessidade de separar um perfil pessoal e um profissional para estas redes sociais, sobre as diferentes implicações destes perfis. Passamos então, a conhecer as possibilidades de cada uma das redes: criar páginas, grupos, banco de dados e *blogs* educacionais. Para alimentar essas redes, foi necessário que o cursista aprendesse a produzir material para tal fim. Utilizamos o *software Audacity* para compreender o processo de registro e edição sonora. Este software é livre e instalável no *Linux*, por isso foi escolhido. Fizemos diferentes exercícios utilizando o *Audacity*, sempre dialogando sobre seu uso no contexto escolar. Elencamos algumas possibilidades de uso do *software* nas aulas de música, tais como: produzir uma rádio educacional, composição de música eletrônica, dublagem de filmes, composição de trilha sonora, entre outras possibilidades. Durante todos os exercícios com o *Audacity* utilizamos as redes sociais, tanto para baixar *samples* e músicas, como para divulgar o que havia sido produzido por eles. Neste momento, cada professor criou um *blog*, utilizando a plataforma *blogspot*, de forma que as produções com o *Audacity* foram compartilhadas no *soundcloud* e incorporadas ao *blog* dos cursistas. Apenas dois professores conheciam a plataforma *blogspot*, que é uma ferramenta disponível a todos que possuem uma conta gmail. Rapidamente se adaptaram ao *blog* e às ferramentas que ele disponibiliza. Os *blogs* foram sendo preenchidos com textos, imagens, vídeos e áudios produzidos pelos professores. Neste momento, houve a necessidade de compreender mais sobre edição de vídeo de bolso. Compreender o celular como ferramenta de criação de vídeos/áudios foi fundamental para ampliar as possibilidades que o *youtube* oferece no contexto educacional. Conhecemos o trabalho do Câmera Cotidiana (<http://www.cameracotidiana.com.br/>) onde utilizam as câmeras de bolso para produção audiovisual na escola. E após conhecer algumas possibilidades do uso do celular em sala de aula, passamos a conhecer e experimentar o *software Adobe Premiere CS6*, um editor profissional de vídeo. Foi proposto um exercício de composição coletiva, no qual cada grupo deveria fazer o registro em vídeo, edição no *Adobe Premiere* e o compartilhamento do vídeo nas redes sociais. Neste momento surgiram várias dificuldades na compreensão e uso do *software*, o que gerou um momento de aprendizagem baseado na resolução de problemas. Os grupos pesquisaram na internet por diversos tutoriais, trocaram informações entre os grupos, disponibilizaram materiais no grupo que criamos no *facebook* e, cada grupo foi superando as dificuldades e produzindo seus vídeos. Os cursistas se colocaram na posição de estudantes, percebendo como esta nova forma de aprender, utilizando as redes, incentiva a autonomia e a gestão do próprio

conhecimento. A cada atividade, encerramos com reflexões e avaliação do processo vivenciado. Outra atividade em que os professores utilizaram o vídeo de bolso foi a criação de vídeo aula (ou registro de apresentação) que utilizasse duas telas para enfoque do instrumento e do detalhe que se almeja aprender. A cada uma destas atividades, os cursistas foram descobrindo novas ferramentas e possibilidades do *adobe Premiere*, verifica-se um aprendizado sob demanda, onde cada vídeo produzido possuía diferentes recursos que, durante a apreciação pelo grupo, foram destacados. Para finalizar o curso, apresentamos a plataforma *wix*, plataforma de criação de sites. Experimentamos e discutimos as possibilidades desta plataforma nos encontros presenciais, porém grande parte da criação deste site foi executado no módulo II (via EAD). Os cursistas criaram diversos sites, alguns como professores e outros como artistas. Em todas as propostas de site, foi solicitado que demonstrassem a convergência de mídias, incorporação do *soundcloud* e do *youtube* dentro do site. Nas últimas aulas, compartilhamos os trabalhos executados ao longo do curso, avaliamos cada um, compreendendo quais ferramentas foram utilizadas e como o uso destas poderia acontecer no contexto escolar. Fizemos também uma avaliação coletiva do curso, concluindo que ainda falta estrutura nas escolas para o uso de todas essas possibilidades, mas que o maior problema ainda é a falta de letramento informacional dos professores e capacitações para o uso destas ferramentas na educação. Neste momento, os alunos salientaram a importância do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte, por oferecer estes cursos. (GOIÂNIA, 2014).

Um dos grandes motes da *e-Arte/Educação* trata-se dos desafios e possibilidades de exercer-se uma “tecnoética” educativa como instrumento para o pensamento crítico-reflexivo. Percebe-se pelo relatório do curso *Mídias Sociais Aplicadas à Educação* o uso das técnicas digitais como intermediadoras no processo de ensino/aprendizagem da arte digital em promoção da educação digital crítica, conforme nos alerta Cunha (2012).

A Câmara de Legislação e Normas do Conselho Estadual de Educação, ao emitir seu relatório e resolução de aprovação do curso, ressalta que o maior problema, ainda, é a falta de letramento informacional dos professores e de capacitações para o uso de tais ferramentas na educação. A seguir alguns fragmentos extraídos do Relatório do CEE.

Quanto ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação:

[...] No decorrer do curso percebeu-se que apesar da formação híbrida dos cursistas, nenhum deles utilizava as redes como ferramenta educacional. A grande maioria dos presentes possuía dificuldade no uso das redes e não manipulava *softwares* ligados à edição de áudio/vídeo, fator importante para o uso das redes por professores de música (GOIÁS, 2014).

Quanto aos resultados do curso na formação continuada dos professores:

[...] Concluíram que a formação modificou a forma de lidar com o saber e consequentemente com a forma de aprender. [...] ao final compartilharam os trabalhos executados ao longo do curso, avaliando cada um, compreendendo quais ferramentas foram utilizadas e como o uso destas poderia acontecer no contexto escolar (GOIÁS, 2014).

Quanto à aplicabilidade do curso no contexto escolar:

[...] Promoveu-se uma avaliação coletiva do curso, concluindo que ainda falta estrutura nas escolas para o uso de todas estas possibilidades, mas que o maior problema ainda é a falta de letramento informacional dos professores e capacitações para o uso de tais ferramentas na educação. (GOIÁS, 2014)

A professora ministrante do curso atribui as maiores dificuldades aos recursos tecnológicos escassos, aos diferentes níveis de relacionamento dos professores com as tecnologias e a falta de interesse dos docentes em refletir sobre tecnologia e educação musical (Vazquez, 2016).

Tendo como base os pressupostos teórico-metodológicos do curso *Mídias Sociais aplicadas à Educação*, busco analisar à luz de Arnold Van Gennep (2011), os ritos de passagem que compuseram essa ação performática. Para o etnógrafo, uma performance compõe-se de três momentos: separação (fase preliminar), transição (liminar) e incorporação (pós-liminar).

Considerando o curso *Mídias Sociais aplicadas à Educação* como performance e-Arte/Educativa, compreendemos como fase preliminar, o momento em que professores de música se deslocam de uma *práxis* que é estável e comum, para um lugar desconhecido, de inesperadas e incríveis possibilidades de ensino/aprendizagem. A fase liminar, compreendida como *rito de transição*, momento em que ocorre a performance em si. É caracterizada pela transposição do estágio entre o passado e o futuro, do nascimento de um novo paradigma e do abandono de velhas práticas, que de acordo com Victor Turner (2005) pode ser descrita como um “caos frutífero”, um “armazém de possibilidades”. E, finalmente, a fase pós-liminar, compreendida como *rito de incorporação* ou *reintegração*.

Nesta fase (pós-liminar) duas possibilidades emergem: o *esfriamento*, quando o professor não consegue transpor de uma prática arraigada para uma proposta inovadora, permanecendo nos moldes convencionais de uma educação conservadora, optando, às vezes, por manter um ensino que não dialoga com os estudantes ou o *desdobramento*, que é o resultado de uma experiência que desencadeia diversas outras ações e novas buscas de possibilidades e

performances, considerando sempre a consumação de uma experiência, o começo de outras novas experiências (Dewey, 2012).

Considerações finais

Ao analisar as performances *e-Arte/Educativas* dos professores cursistas de *Mídias Sociais aplicadas à Educação*, conclui-se que os professores devem qualificar frequentemente sua formação, em busca de uma docência atualizada às inovações desta contemporaneidade, fazendo-se necessário enfrentar os desafios de uma era informacional que se modifica continuamente e que aponta reflexões sobre as diferentes formas de aprender dessa geração. E, ainda, assumir seu papel de mediador das aprendizagens dos estudantes que se articulam em um mundo conectado com diferentes culturas no ciberespaço e que necessitam, portanto, de uma educação que promova o desenvolvimento do pensamento crítico-musical, autônomo, criativo e reflexivo, para que meninos, meninas, jovens, adultos aprendam a interpretar o mundo com autonomia e autogovernança.

Referências

CUNHA, Fernanda Pereira da. **E-arte/educação: educação digital crítica**. São Paulo Annablume, 2012.

DAWSEY, J. C. **Schechner, teatro e antropologia**. Cadernos de Campo. n. 20. São Paulo, 2011.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. [Trad. Vera Ribeiro]. São Paulo: Martins Fontes, 2012 (1ª. Reimpressão)

GOIÂNIA, Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte. **Relatório Circunstanciado**, 2014.

GOIÁS, Conselho Estadual de Educação. **Relatório de aprovação dos cursos de 2014**. Resolução n. 26, de 12 de maio de 2016.

HARTLEY John. **Utilidades do Youtube: alfabetização digital e a expansão do conhecimento**. In: BURGUESS, Jean e GREEN, Joshua (Org.). Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009, p. 165-186.

JENKINS, Henry. **O que aconteceu antes do Youtube**. In: BURGUESS, Jean e GREEN, Joshua (Org.). Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009, p. 143-164.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 2ª. Ed. 2000, 6ª. Reimpressão. 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SERRES, Michel. **Polegarzinha - Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber**. Trad. Jorge Bastos. Editora Bertrand Brasil, RJ, 2013

TURNER, Victor. **Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência**. Trad. Herbert Rodrigues. Ver. John C. Dawsey. Cadernos de Campo n. 13: 177-185, 2005.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Tradução Mariano Ferreira. 2a. edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAZQUEZ, Eliza Rebeca Simões Neto. **Depoimento concedido a Luz Marina de Alcantara**. Alto Paraíso, 23 de julho de 2016.